

Comunicação, Meio Ambiente e Cidadania no contexto rural: Educomunicação Socioambiental no Bico do Papagaio (TO)¹

Bruno Santiago Alface²

Rose Mara Pinheiro³

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo

O artigo discute a educomunicação socioambiental como campo teórico e prático, analisando suas conexões com a ação educativa do Projeto Jovens em Comunicação, desenvolvido no Bico do Papagaio (TO) entre 2015 e 2019. A fundamentação teórica utiliza aportes de Martirani (2008), Soares (2011, 2017), Citelli (2015), Falcão (2015, 2018) e Brianezi e Gattás (2022), refletindo sobre a educomunicação para transformação social e promoção da cidadania socioambiental. A análise é fruto da dissertação de mestrado *Jovens, rurais e comunicadores: uma experiência educacional no Bico do Papagaio (TO)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, em setembro de 2024, e destaca o protagonismo juvenil, o fortalecimento de identidades rurais e a ampliação da consciência crítica sobre o meio ambiente.

Palavra-chave: comunicação e educação, educomunicação, educomunicação socioambiental.

Introdução

O presente artigo propõe-se a discutir o conceito de educomunicação socioambiental, com base na compreensão de seus principais aportes teóricos e características constitutivas e, a partir dessa reflexão, busca-se identificar possíveis convergências entre esse campo conceitual e a ação educativa desenvolvida pelo Projeto Jovens em Comunicação, implementado na região do Bico do Papagaio (TO), entre os anos de 2015 e 2019.

A análise é fruto de pesquisa realizada em nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e defendida em setembro de 2024. A proposta da dissertação *Jovens, rurais e comunicadores: uma experiência educacional no Bico do Papagaio (TO)*, foi identificar aspectos educacionais presentes na iniciativa, bem como possíveis impactos junto aos jovens participantes e às comunidades rurais beneficiadas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: bruno.alface@ufms.br.

³ Professora Doutora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: rose.pinheiro@ufms.br.

A investigação, de caráter qualitativo, envolveu a realização de entrevistas, grupos focais e análise documental, compondo um corpus de dados que permitiu compreender as dinâmicas formativas e comunicativas da ação. A pesquisa identificou diversos aspectos educomunicativos, tais como a leitura crítica da mídia, a apropriação e uso das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC), processos pedagógicos dialógicos, coeficientes comunicativos aprimorados, além da presença de valores como a cidadania, a valorização das identidades rurais juvenis e a integração com aspectos culturais dos modos de vida tradicionais e da história da região.

Mais de 70 jovens rurais foram beneficiados por meio da oferta de um itinerário formativo com foco em comunicação, cidadania, agroecologia e agricultura familiar, partindo da valorização de seus modos de vida tradicionais, de suas identidades culturais e do contexto ambiental e socioeconômico que estavam inseridos.

Educomunicação Socioambiental

A práxis educomunicativa é caracterizada por uma diversidade de áreas de intervenção que refletem a especificidade e a pluralidade desse campo emergente, cuja gênese está na interseção entre Comunicação e Educação. Segundo Soares (2017), essas áreas têm o propósito de despertar a comunidade para novas formas de pensamento e ação, com destaque para a “Educação para a Comunicação”, a “Mediação Tecnológica na Educação”, a “Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos” e a “Reflexão Epistemológica sobre o Agir Educomunicativo”, identificadas inicialmente em estudos do Núcleo de Comunicação e Educação da USP entre 1997 e 1999.

Posteriormente, novas áreas foram incorporadas, como a “Expressão Comunicativa por Meio das Artes”, a “Pedagogia da Comunicação” e a “Produção Midiática”, ampliando o escopo de atuação educomunicativa (Soares, 2017).

A Educomunicação, portanto, configura-se como um paradigma que integra teoria e prática, sustentado por rigor científico e epistemológico, mas também atento aos saberes populares. Sua atuação visa promover o diálogo social, o protagonismo de seus participantes, o fortalecimento da cidadania e a leitura crítica do sistema midiático, posicionando-se criticamente frente ao individualismo e à lógica competitiva. Como destaca Soares (2011, p. 95), a educomunicação busca transformar as novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo.

Atualmente, há um debate sobre qual seria a oitava área de intervenção da Educomunicação, sendo ela a “Educomunicação socioambiental”, com uma forte relação e influência da Educação Ambiental. No entanto, de acordo com Soares (2017), o conceito representaria mais um “espaço de aplicação” do que uma nova área de intervenção.

Segundo Martirani (2008, p. 13), a Educomunicação Socioambiental é o resultado direto do “entrecruzamento dos campos da Educomunicação e da Educação Ambiental”, respaldada pelos acúmulos epistemológicos desenvolvidos em seus campos de origem. Isso lhe confere “bases conceituais e direcionamento político-pedagógico” com densidade suficiente para inspirar práticas e abordagens teóricas, sempre com o objetivo de construir uma sociedade sustentável.

Assim, independentemente da nomenclatura escolhida, a Educomunicação Socioambiental já é, de fato, uma realidade em discussão teórica e em aplicações práticas. Citelli e Falcão⁴ (2015) afirmam que a inter-relação entre Comunicação e Educação, ou a própria Educomunicação, pode oferecer uma contribuição significativa para a reflexão sobre o enfrentamento de problemas socioambientais.

Citelli e Falcão (2015) destacam a necessidade de realizar uma leitura crítica dos meios de comunicação de massa no segmento temático ambiental, pois a mídia tradicional frequentemente aborda questões socioambientais sem a criticidade e a profundidade necessárias para o debate dessas demandas, e sem o componente dialógico e/ou educativo — aspectos que poderiam potencializar movimentos de transformação social.

[...] para vicejar efetiva educação ambiental é necessário mobilizar componentes comunicacionais que deixem os territórios do marketing e da publicidade autopromocional e provoquem a consciência ecológica do sujeito: o tempo-espaço no qual vive; as relações sociedade-natureza; as políticas governamentais e a ocupação da terra — no campo e na cidade —, etc (Citelli e Falcão, 2015, p. 23).

Além disso, a abordagem comunicacional não é a única que apresenta problemas e lacunas no campo socioambiental. A práxis da Educação Ambiental em sala de aula, especialmente nos espaços educativos formais, também enfrenta suas limitações, conforme Citelli e Falcão (2015). De acordo com uma pesquisa realizada sobre o tema no

⁴ Sandra Pereira Falcão faleceu em 2022 deixando um legado de contribuições e ensinamentos para o campo da Comunicação e Educação e Educomunicação. Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Sandra integrava o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (Mecom), certificado pelo CNPq e sediado na ECA-USP, participando do projeto de pesquisa “Inter-Relações Comunicação e Educação no Contexto do Ensino Básico”.

contexto do ensino público urbano da cidade de São Paulo, a Educação Ambiental na educação formal atualmente revela a existência de “um hiato entre a comunicação ambiental circulante nas salas de aula e a dos assuntos no plano extraescolar” — esse plano seria o “entorno, o bairro, o município” (Citelli e Falcão, 2015, p. 24).

Essa prática educativa estaria desconectada da realidade e ainda distante de ser um caminho eficaz para a compreensão dos desafios socioambientais que a sociedade enfrenta, atribuindo à escola um “papel instrumental” na reprodução de soluções ambientais que estão, na realidade, vinculadas a interesses econômicos — “amplamente apoiados nos meios de comunicação *mainstream*” (Citelli e Falcão, 2015, p. 24).

Um caminho para se distanciar da abordagem reducionista, “preso à matriz discursiva da eficiência do mercado” (Citelli e Falcão, 2015, p. 24 e 25), é considerar a Educomunicação não apenas como uma teoria, mas como uma prática capaz de promover um “ajuste de rota”. Essa perspectiva propõe uma visão mais ampla e integrada, que valorize os aspectos essenciais da Educomunicação em sua aplicação.

Segundo Martirani (2008), é isso o que se espera dessa área de aplicação ou intervenção, que está alinhada com “as linhas mais progressistas e de caráter emancipatório da educação ambiental” (Martirani, 2008, p. 8). A Educomunicação socioambiental contribui significativamente para a educação ao oferecer uma perspectiva crítica e transformadora no enfrentamento dos desafios socioambientais contemporâneos.

Por isso, o novo campo da Educomunicação Socioambiental irá atribuir às linhas de educomunicação maior comprometimento com as questões e demandas ambientais, amarrando suas ações aos propósitos da sustentabilidade planetária, por isso atreladas ao exercício de uma cidadania ativa, politizada e transformadora (Martirani, 2008, p.8).

É importante destacar que cabe ao educador socioambiental não apenas pintar o cenário de emergências ambientais e sensibilizar os educandos para os desafios que estão postos, seja em uma escala local, regional ou global, mas também fornecer elementos e caminhos pedagógicos que permitam aos participantes da prática educacional refletir e construir coletivamente ações que visem soluções ou mitigações desses problemas ambientais.

Para alcançar esse objetivo, a inter-relação entre Comunicação e Educação, ou a própria Educomunicação, configura-se como uma via oportuna, pois integra “valores indissociáveis como o dialogismo, a participação e a criticidade” ao “fazer/pensar dos atos educativos e comunicativos” (Soares, 2011, p. 77), características fundamentais para

qualquer ação coletiva germinada a partir da mobilização de grupos em espaços educacionais ou na sociedade civil organizada.

Neste contexto, essa área de intervenção, marcada pelo encontro da Educação Ambiental e da Educomunicação, conta inclusive com o respaldo de dispositivos legais. Um exemplo é o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), instituído pelo Ministério do Meio Ambiente em 2008, por meio do Departamento de Educação Ambiental da época, e amparado pela Lei Federal 9.795, de 1999, que dispõe sobre a Educação Ambiental.

Ao abordar a interseção entre Comunicação e Educação na esfera ambiental, o ProNEA (2008, p. 10) não se limita a abordar a presença da Educomunicação nas políticas públicas de Educação Ambiental e Comunicação, mas vai além, conceituando de forma abrangente o que representa a Educomunicação Socioambiental. Ao explorar essas dimensões interconectadas, o programa oferece uma visão mais aprofundada e holística das inter-relações entre Comunicação, Educação e questões socioambientais.

Falcão (2018) destaca que, mesmo com o passar dos anos e as transições governamentais periódicas, o documento do ProNEA ainda se configura como uma peça fundamental para o estudo e mobilização cidadã na compreensão das políticas públicas de comunicação para a educação ambiental. Ele oferece “um norte para movimentos ambientalistas, instituições de ensino, sistemas de governança e cidadãos interessados” (Falcão, 2018, p. 103).

De acordo com Soares (2011), o documento do ProNEA identifica a Educomunicação socioambiental “tanto como filosofia quanto como metodologia de trabalho”, destacando que o campo de intervenção parte da compreensão da indissociabilidade entre questões sociais e ambientais em suas etapas de implementação, tanto em uma perspectiva teórica quanto prática, a partir do “fazer/pensar dos atos educativos e comunicativos” (Soares, 2011, p. 77).

Na esteira da discussão sobre a incorporação do paradigma educ comunicativo em políticas públicas, Brianezi e Gattás (2022) adicionam a lista a Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental (Encea), que privilegia o planejamento de comunicação em unidades de conservação com base em processos colaborativos e comunitários (Brianezi; Gattás, 2022; Barros; Dantas; Mota; Freitas; Ratz, 2024).

A educomunicação socioambiental, conforme Brianezi e Gattás (2022), constitui-se como um paradigma da comunicação voltado ao desenvolvimento sustentável,

integrando epistemologicamente os campos da educomunicação e da educação ambiental crítica. As autoras destacam que essa abordagem vai além do uso instrumental das tecnologias: trata-se de uma prática comunicativa dialógica, participativa e emancipatória, orientada por valores de solidariedade, diálogo e transformação social.

Nesse sentido, a Educomunicação aplicada ao enfrentamento dos desafios socioambientais possui o potencial de gerar processos de conscientização, tal como inspira Freire, partindo da observação da realidade (contextos sociais, econômicos, políticos) e do indivíduo inserido em seus grupos sociais, que se comunica e possui sua própria visão de mundo e valores culturais. Para Soares, essa ação socioambiental é “transformadora e política”.

Educomunicação Socioambiental no Bico do Papagaio (TO): A experiência do projeto “Jovens em Comunicação”

Entre 2015 e 2018, com três edições realizadas no Bico do Papagaio, o projeto “Jovens em Comunicação alcançou dezesseis comunidades e territórios rurais da região, com representações de jovens assentados da reforma agrária, quebradeiras de coco babaçu, quilombolas e integrantes de acampamentos do MST na região.

Criado pela Organização Não-Governamental APA-TO (Alternativas para a Pequena Agricultura do Tocantins), o projeto tinha como objetivo contribuir para a formação de seus participantes na área da comunicação a partir da valorização de suas identidades culturais e modos de vida, da compreensão e disseminação de práticas agroecológicas e do aprimoramento da comunicação nos territórios rurais onde vivem e nos espaços de participação social que esses jovens frequentam no Bico do Papagaio.

Os objetivos do projeto social baseavam-se em desafios concretos e dados socioeconômicos, identificados pela APA-TO e por outras organizações e comunidades da região do Bico do Papagaio, que apresentam um contexto de desigualdades. Esses desafios incluem a evasão dos jovens do campo, a ameaça à sucessão rural, a falta de oportunidades, emprego e políticas públicas para os jovens rurais, bem como os problemas de comunicação, tanto no âmbito externo – entre comunidades e setores da sociedade – quanto no âmbito interno – entre membros das comunidades e os públicos juvenis.

A ação, quando em exercício, não possuía a pretensão de resolver ou solucionar integralmente os problemas supracitados, e nem seria possível, uma vez que se tratam de questões estruturais da sociedade. Entretanto, visava promover a utilização da prática educativa com e para a comunicação e assim dar condições para que seus públicos beneficiados pudessem, a partir destas práticas, construir e implementar ações de transformação social localmente, nos territórios e comunidades onde vivem, trabalham e atuam politicamente.

A análise apresentada a seguir parte justamente desse material empírico, buscando agora aprofundar a reflexão sobre a dimensão da educomunicação socioambiental, com o intuito de começar a investigar com mais profundidade as relações estabelecidas entre comunicação, cidadania e as questões socioambientais no contexto rural do Bico do Papagaio (TO).

O tema da relação com o ambiente circundante surgiu de maneira transversal em todas as falas dos entrevistados para a pesquisa, sendo estes jovens ou representantes das comunidades ou entidades da região. Como a maioria vive em comunidades rurais e/ou em áreas rurais, esse contato é cotidiano. Entretanto, todos afirmaram que participar do projeto Jovens em Comunicação proporcionou um aprofundamento na temática, além de uma melhor compreensão sobre questões socioambientais.

***Jovem II (mulher, 37):** Eu sempre fui muito ligado às coisas do campo, né? Então o conhecimento só aumentou mais ainda, porque o Jovens em Comunicação nós trabalhávamos muito essa questão da valorização do campo, né? Então essa valorização do campo, de onde a gente, a gente mora, né? De ter um ar livre, de olhar onde tem água, onde muitos gostariam de ter água e não tem. Então assim, a visão relacionada ao meio ambiente, é..., mudou para, para maior conhecimento, né?.*

Alguns jovens compartilharam terem feito conexões diretas entre o que aprenderam sobre o ambiente em que vivem e a importância de preservá-lo, associando às demandas concretas da realidade de suas comunidades e utilizando a comunicação como plataforma para a ação.

***Jovem I (homem, 27):** Aqui na aqui na região que é o pessoal estão vendendo as terras, aí o pessoal também destruindo a questão das palmeiras, né? Que são nativas aqui mesmo, da nossa região, tal. Então eu sempre tive essa consciência, né? De, de estar ali sabendo disso, inclusive entre nós... Ah não, está gravado! Mas eu já fiz denúncias, já liguei para o Ibama, não sei aonde foi. Eu consegui o contato com um*

colega meu da faculdade. Eu, eu descobri que tinha uns moradores lá, uns moradores e uns políticos aí, ó, tirando madeira lá na nossa reserva. Aí eu descobri, eu peguei o contato, mandei mensagem, liguei. Eu só sei que prenderam lá, né? Mas tipo assim, eles tinham dinheiro, e eles acabaram pagando, né? Uma fiança bem cara, né? Ambiental. Eu fiquei até, tipo assim, eu fiquei até surpreso (...).

O Jovem I, que participou das três edições do projeto Jovens em Comunicação, também relatou que, a partir de seu aprendizado no processo formativo da ação da APA-TO, realizou uma denúncia nas redes sociais de internet sobre a situação da estrada que liga o centro urbano do município de Axixá com a sua Comunidade, relatando as péssimas condições em que se encontrava a via, que inviabilizavam a passagem de carros e ônibus, incluindo transportes escolares.

A denúncia rapidamente ganhou audiência e relevância junto aos públicos de interesse, em sua comunidade e em Axixá, chegando às autoridades locais. Devido à pressão exercida nas redes sociais, em menos de uma semana, a prefeitura da cidade deslocou uma equipe para melhorar as condições da estrada, garantindo assim que automóveis pudessem novamente transitar pela via. De acordo com o relato do jovem e da APA-TO esse tipo de ação foi uma novidade para a comunidade, que não possuía o costume de usar os meios de comunicação digitais para tais fins.

De acordo com Citelli (2015) e Falcão (2015, 2018), uma ação como essa pode ser caracterizada como uma prática derivada do processo de Educomunicação Socioambiental. O Jovem I, utilizando os conhecimentos adquiridos por meio da prática educ comunicativa, atuou em defesa da reserva de floresta de babaçuais e da estrada de sua comunidade, e ao direito de ir e vir dos cidadãos que ali residem, aplicando o que aprendeu no projeto: a apuração dos fatos, a organização da informação e a comunicação para a denúncia do que foi verificado.

A agroecologia também foi mencionada pelos jovens nas entrevistas, evidenciando a conexão que fazem entre esse modelo de agricultura, a defesa e preservação dos recursos naturais, a vida saudável e a oposição às práticas destrutivas, como o desmatamento e o uso de agrotóxicos nas lavouras.

Jovem VI (homem, 23): *Então, era outro negócio que eu nem sabia o que era, né? A agroecologia. O que que é isso? Inclusive, não tinha prática aqui em casa, né? Era uma coisa assim, que o uso do agrotóxico, ele vem desde que eu me conheço por gente aqui dentro de casa. Então, até hoje, eu ainda luto, ainda dentro desse processo de falar: ‘Gente, vamos plantar sem veneno, vamos plantar sem*

agrotóxico, é melhor, né? A saúde melhora, o processo de vida mesmo, a água. Tudo o que tem aqui dentro é melhor sem o veneno!’ (...).

Para as lideranças comunitárias, a transformação comportamental nesse tópico foi nítida e mais significativa. Todas relataram o engajamento dos jovens com relação ao tema da defesa do ambiente em que vivem e da agroecologia como modelo de produção viável e alternativo ao agronegócio, praticado nas grandes fazendas da região.

Liderança I (mulher): *Mudou 100%. Todo mundo defende a agroecologia. Toda a juventude. Toda juventude do Bico aqui é agroecológica. Eles são muito porretas nessa história, viu, filho? Eles botam para valer mesmo e eles faz propaganda da agroecologia e eles tem prazer de dizer que é, né? Formado em agroecologia. Eles gostam. Muito bom, já vi até palestra deles, dando palestra de agroecologia.*

Considerações finais

No contexto socioambiental do planeta são identificadas tarefas que parecem impossíveis, como combater o avanço desenfreado do desmatamento no Cerrado e na Amazônia ou tentar frear as alarmantes mudanças climáticas. A Educomunicação socioambiental, no entanto, como mostra a experiência dos jovens rurais do Bico do Papagaio, convoca essa responsabilidade e se apresenta, enquanto paradigma teórico e proposta pedagógica de ação prática, como um caminho para perseguir essas utopias — mas não de qualquer maneira e muito menos de modo superficial.

A práxis educ comunicativa, tal como ensina Soares (2011, p. 157), provoca a retomar “distintas utopias” através do empoderamento dos sujeitos a partir da comunicação para a educação (e vice-versa), partindo da ação cidadã possível e interdisciplinar realizada nas escolas, nos bairros, nas comunidades rurais ou nos espaços de participação cidadã.

O projeto Jovens em Comunicação, assim como tantos outros do campo da Educomunicação, demonstra que os processos educ comunicativos podem florescer no cotidiano, a partir das pequenas ações, sempre acompanhadas de um processo contínuo de humanização, formação e conscientização, de valorização de saberes tradicionais, que favorece o aprendizado coletivo e colaborativo operado em cada realidade.

Segundo Falcão, não se pode dissociar a problemática do meio ambiente do âmbito social, uma vez que os problemas ou desafios ambientais são originados em

“processos sociais conjuntos” e necessariamente atravessam a sociedade (Falcão, 2018, p. 101).

Nesse contexto, a educomunicação socioambiental se caracteriza por uma interdisciplinaridade transformadora, que articula práticas comunicativas, saberes populares e o protagonismo de seus agentes em processos educativos comprometidos com a sustentabilidade real.

Essa postura, identificada no projeto analisado, evidencia a dimensão transformadora da educomunicação socioambiental: ela é um instrumento de empoderamento social e cultural, capaz de mobilizar comunidades em torno de agendas socioambientais e de materializar a participação democrática.

Referências

- BARROS, Daiane M. de; DANTAS, Lívia; MOTA, Rodrigo; FREITAS, Rodrigo C.; RATZ, Sofia V. S. **Entrevista com Thaís Brianezi sobre educomunicação socioambiental**. *Revista Balbúrdia*, 2024. Disponível em: <https://sites.usp.br/revistabalburdia/professora-thais-brianezi-professora-da-escola-de-comunicacao-e-artes-da-usp-sp-argumenta-sobre-a-educomunicacao-mobilizacao-das-praticas-dialogicas-conversadas-do-fazer-colaborativ/>. Acesso: 06 jun. 2025
- BRIANEZI, Thaís; GATTÁS, Carmen L. M. E. **A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável**. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 21, n. 41, p. 33–43, dez. 2022.
- CITELLI, A. O.; FALCÃO, S. P. **Comunicação e educação: um contributo para pensar a questão ambiental**. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 2, p. 15-26, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/100391>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- FALCÃO, S. P. **Interfaces colaborativas em comunicação e educação ambiental**. São Paulo: S. P. Falcão, 2018. 507 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
- MARTIRANI, Luciana. **Educomunicação socioambiental: a construção de um campo de intervenção**. São Paulo: ECA/USP, 2008.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: comunicação, educação e cidadania na escola**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: construindo uma nova disciplina**. São Paulo: Paulinas, 2017.